



Maria Filomena Mendes
Presidente da Associação Portuguesa de Demografia

“Nunca mais vamos conseguir repor o número de nascimentos”

Texto **JOANA PEREIRA BASTOS**
e **RAQUEL ALBUQUERQUE**
Foto **ANTÓNIO PEDRO FERREIRA**

A investigadora da Universidade de Évora prevê que daqui a três anos Portugal já estará abaixo dos 10 milhões de habitantes, mas tem uma visão otimista e desdramatiza os efeitos do envelhecimento.

Os dados são provisórios, mas tudo indica que 2017 tenha o saldo natural mais negativo do século. Como se explica?

Em 2017, houve simultaneamente um aumento de óbitos e uma diminuição dos nascimentos. O agravamento deste saldo negativo tem muito que ver, em primeiro lugar, com o envelhecimento da população. Quanto mais envelhecida for, mais são os óbitos. No caso da natalidade, o declínio já se regista há algumas décadas. As gerações que vão nascendo têm uma dimensão cada vez menor, o que implica que haja menos mulheres em idade de ter filhos. É um reflexo das últimas décadas.

É expectável que a situação continue a agravar-se?

Sim. A esperança de vida continuará a crescer, assim como a longevidade, o que fará aumentar os óbitos. Se continuarmos com a natalidade em declínio, a diferença entre nascimentos e mortes será cada vez maior.

Portugal perdeu mais de 260 mil pessoas entre 2009 e 2016. O que aconteceu?

A situação agudizou-se bastante com a crise, que fez com que muitas famílias adiassem o nascimento dos filhos. Isso teve uma grande implicação nos nascimentos, não só nos que vão ocorrendo ano após ano, como nos que acabam por não acontecer: adiar o nascimento do pri-

meiro filho pode implicar que não se tem filhos ou que não se tem o segundo. Por outro lado, muitos imigrantes deixaram Portugal e houve uma emigração fortíssima.

Qual é então a previsão para o decréscimo populacional?

A minha perspetiva é que no próximo recenseamento, em 2021, já estaremos abaixo dos 10 milhões.

Em 2017 os nascimentos voltaram a cair, depois de dois anos a subir. Uma vez que já não estamos em crise, qual é a razão desta queda?

Os casais que tinham adiado o nascimento do segundo filho e cuja janela de oportunidade para vir a tê-lo estava a esgotar-se tiveram-no assim que houve uma expectativa de recuperação económica, o que explica a oscilação positiva em 2015 e 2016. Mas a tendência estrutural continua a ser de declínio.

Portugal tem o mais baixo índice de fecundidade da UE. Quais são as consequências?

Menos jovens significa menos pessoas a entrar na população ativa e menos capacidade de promoção da economia, porque são os mais jovens os que mais inovam e têm maior capacidade de utilização das novas tecnolo-

gias. Mas o facto de sermos um país envelhecido não tem de ser mau, temos de nos preparar para uma realidade diferente. Quando se chega aos 65 anos tem-se, em média, mais 20 à frente, muitos com saúde e autonomia.

Como é que o país vai suportar os custos do envelhecimento com o número de contribuintes a descer e os gastos com pensões e saúde a aumentar?

Temos de ser disruptivos e encontrar modelos que respondam à nova realidade. Senão, o efeito sobre a Segurança Social é brutal. Mas tudo depende da nossa produtividade. Se formos menos mas mais produtivos e se houver ganhos muito significativos graças ao desenvolvimento tecnológico, talvez consigamos manter o mesmo modelo.

Vamos trabalhar até aos 80?

Se entramos no mercado de trabalho mais tarde, também teremos de sair mais tarde. Provavelmente não teremos a mesma profissão ao longo da vida. Pode haver uma transformação para continuarmos a trabalhar em idades mais avançadas, em *part-time* ou numa atividade menos exigente. Um funcionário público quando chega aos 70 anos é obrigado a retirar-se, mas as capacidades que tem hoje uma pessoa com 70 anos não têm nada que ver com as que tinha quando a lei foi feita, o que significa que esta lei está desajustada. Os idosos podem ser um ativo extremamente importante.

A verdade é que o envelhecimento é apontado como o mais grave problema do país.

Isso acontece porque as pessoas veem o futuro com as mesmas lentes com que viam o passado. Continuamos a achar que se tivermos muitos filhos vamos aumentar a população, o que não é verdade. Nunca mais vamos conseguir repor o núme-



ro de nascimentos. Mesmo que agora as portuguesas tivessem mais filhos do que as mães delas, o número de nascimentos continuaria a ser mais baixo, pelo facto de as gerações que foram nascendo serem sucessivamente de menor dimensão do que as anteriores. E temos de perceber que a sociedade mudou. Deixámos de ser um país de famílias numerosas.

Porquê?

No inquérito à fecundidade, homens e mulheres, independentemente do nível de instrução, disseram que preferem ter menos filhos com mais oportunidades do que mais filhos com mais restrições. Não estamos a falar só da questão económica, mas de educação, saúde e mais tempo para os filhos. É uma mudança de mentalidade que não volta atrás.

Alguns países como França conseguiram inverter o declínio da natalidade. Como?

Apostaram em medidas de apoio à mãe que trabalha e investiram em creches públicas, o que é fundamental. Em Portugal, as pessoas inibem-se de

ter um segundo filho porque já estão a pagar a creche do primeiro e não conseguem suportar o custo de outro. Criar creches gratuitas ou que as pessoas possam pagar poderá ter um efeito importantíssimo. Além da mensalidade, os horários de funcionamento não se coadunam com as necessidades dos pais. É preciso perceber se não deveríamos reduzir o nosso tempo de trabalho. O problema é que essa redução implica um corte do vencimento. Em orçamentos já tão frágeis, é difícil que o trabalho em *part-time* seja

tão bem-sucedido em Portugal como foi noutros países.

A questão económica é a mais determinante?

Quando se pergunta às pessoas o que é mais importante para aumentar a natalidade, falam do emprego e do rendimento em primeiro lugar. Temos mais rendimentos e maior segurança no trabalho é fundamental e não podemos pensar em políticas sem antes garantir isso. Depois, há outras questões relevantes, como a conciliação do trabalho e da família ou o apoio à mãe que trabalha.

Se pudesse escolher uma só medida, qual seria?

Quando conseguem ter um contrato sem termo, as pessoas decidem mais facilmente ter um filho. Por isso, escolheria a questão do emprego. A habitação também é importante: os casais novos têm dificuldade em arranjar casa com uma renda ou prestação acessível. Se tratássemos estas duas questões não estaria tudo resolvido, mas as pessoas poderiam não adiar tanto o primeiro filho.

jbastos@expresso.imprensa.pt

“AS PESSOAS PREFEREM TER MENOS FILHOS COM MAIS CONDIÇÕES. É UMA MUDANÇA DE MENTALIDADE QUE NÃO VOLTA ATRÁS”

“SERMOS UM PAÍS ENVELHECIDO NÃO TEM DE SER MAU. OS IDOSOS PODEM SER UM ATIVO MUITO IMPORTANTE”